

A imaginação do espaço açoriano

Fernanda Rodrigues Garcia - Mestre Letras/PUCRS

Os estudos realizados durante o mestrado tiveram como horizonte de reflexão a escrita literária inspirada no **imaginário do espaço açoriano**, desenvolvendo uma reflexão que teve como embasamento teórico as teorias do imaginário de **Gaston Bachelard**, a partir das quais pode-se desenvolver uma **leitura sistemática** que **evidenciasse o dinamismo** entre **espaço, matéria e imaginação literária**¹ na obra de autores **ilhéus**. A investigação constituída por tais elementos nos levou a conhecer e relacionar algumas propriedades da escrita inspirada no espaço açoriano. Um dos **resultados** de nossa **investigação** foi a **identificação** de **convergências temáticas** que emanam de um **imaginário coletivo** e tornam-se, dizemos assim, **arquétipos narrativos**, no sentido de que são situações e sentimentos fortemente arraigados na vivência açoriana que ensejam o constante narrar, distender e devanear. São eles: **sentimento de abandono**, necessidade de **emigração**, a emigração, **saudade** da terra natal e **volta** à terra natal. A partir da identificação destas situações arquetípicas que são os temas de uma diversidade de narrativas, pareceu-nos interessante, então, perceber o modo como a imaginação autoral se variava através das **imagens literárias**.

A escolha de Bachelard para nos acompanhar se nos afigurou muito profícua, pois a **ficcionalização** do **espaço açoriano** é **íntima das forças elementares**: água, terra, ar e fogo, por serem tão presentes no espaço real **impregnaram-se** no **imaginário** dos escritores **açorianos** de forma a ser a **imaginação substancial** também a imaginação dos **espaços afetivos** e, as **qualidades**, qualificações da **memória**. A força das qualidades substanciais vão estar no íntimo das valorizações ficcionais do espaço, que ganhará qualidades

¹ Compreende-se estes termos a partir do universo teórico de Gaston Bachelard.

tanto negativas quanto positivas, variando a utilização do imaginário coletivo; cita-se como exemplo as águas de Álamo de Oliveira: águas maternas, de embalo, de familiaridade, de sonolência; ou as águas de José Martins Garcia: águas de agonia, de aprisionamento, de melancolia e esquecimento.

A partir de 1746, mais de 6.000 açorianos começaram a deixar as Ilhas e vir para a região sul do Brasil. Desde então, até o século XX, deixar as Ilhas foi uma constante, rumo, principalmente, aos Estados Unidos e ao Canadá. As dificuldades sócio-econômicas e geográficas impeliram os açorianos para a partida por praticamente dois séculos e isso lhes imprimiu uma perspectiva psíquica particular, principalmente naquilo que nos diz respeito: o texto literário. Se separados do Continente mantiveram seus ritos religiosos de forma a se religarem com o seu espaço de origem, longe do país, muitos encontraram na narrativa literária uma forma de buscar a identidade e essa identidade liga-se intimamente à região antes de se ligar ao nacional. O espaço natal é uma constante no imaginário literário açoriano. Talvez isso se explique por uma necessidade de identificação cultural para que as gerações não se dissolvam nos mosaicos americanos e esqueçam de tudo.

Fernando Aires resume a situação açoriana como um estar no meio do oceano, a meio caminho de dois continentes, afastados e psiquicamente distantes dos processos culturais e circunscritos a uma paisagem que lhes entranha na alma um modo de ser homóloga às características espaciais:

Esta terra açoriana, fragmentada e atirada à distância, pedaços de lava dispersa pelas crateras da desaparecida Atlântida, agiu sobre a alma insular sempre em dois sentidos de fuga opostos: um, na horizontal, de migração para longes terras; outro, na vertical, na direção da divindade. Expansão e recolhimento interior: dois movimentos antagônicos com a mesma raiz de insula. Dualidade conflituosa que oscila entre o intimismo e a abertura do mundo, entre a tensão e a distensão, entre o silêncio e a fala com estranhos.

Algo de cambiante e estável, como o solo sísmico, como a paisagem e o clima, onde as fronteiras entre imobilidade e movimento, entre luz e sombra, entre a terra e a água não são bem nítidas. Por pouco não somos místicos. Por pouco também não somos conquistadores de continentes. Ficamos sempre a meio caminho entre o ter e o ser, entre a realidade e o sonho, entre a realização e a frustração – simbolicamente marcado no mapa a meio do Atlântico, entre dois mundos, sem pertencermos decididamente a nenhum²

Ao dizer que a alma insular reage ao espaço sempre em dois sentidos de fuga opostos, na horizontal, de migração para longes terras e na vertical, em direção da divindade, Aires fala da emigração como uma sina, tal como escreve Assis Brasil:

A emigração é “um caminho ao qual o açoriano se entrega com a compulsão do comprimento de uma sina” (ASSIS BRASIL, 2003, p.27).

Deixar as Ilhas é, como escreveu Vamberto Freitas:

tema principal de toda a escrita açoriana, particularmente desde Roberto Mesquita e Vitorino Nemésio: o exílio interior do homem atlântico e a conseqüente tentativa de fuga à pequenez do meio e da assustadora vastidão do mar, o querer sempre descobrir outros mistérios que o ilhéu imagina vivamente, tal como sobressai na sua literatura, para além dos seus horizontes. (op.cit. p.26)

Segundo dados estatísticos, mais de um milhão de portugueses vivem na América, e 85% deles são açorianos. Na primeira década do século XX, a outras terras partiam uma média de 15, 8 pessoas diariamente³. É a **diáspora açoriana** que constitui, conforme Adelaide Freitas, “fator referencial na vida e pensamento açoriano e passou a conquistar espaço no seu imaginário e instituir-se como memória coletiva, firmando uma maneira de olhar”. ⁴

² In: Freitas. O imaginário dos escritores açorianos. p. 64

³ Conf. Marques in: op. cit

⁴ FREITAS, Adelaide. *João de Melo e a literatura açoriana*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

A partida foi uma constante na realidade açoriana por vários fatores. Fernando Aires diz que os açorianos partiam impulsionados pela “ânsia bem humana de ir mais além. O apelo ao desconhecido e da liberdade face à claustrofobia do já visto e do circunscrito. Como se a verdade estivesse perpetuamente noutra lugar”⁵.

Segundo Bachelard, os espaços de nossas solidões são indelévels: “todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, são indelévels em nós”. (2003, p.29). Se o espaço da solidão é indelével, essas águas açorianas guardam a profundidade dessa solidão cósmica que faz dos açorianos grandes sonhadores da solidão. Se as vozes do mar repetem constantemente apelos de fuga, se a sua imensidão seduz e implanta na alma desejos de partida, ao partir outros apelos estarão destinados à alma do açoriano, como para mostrar-lhe a impossibilidade de fugir das vozes que a água lhe impregnou:

Partir, como disse Freitas, “obriga-nos, **de modos diversos, a um constante regresso**”. São os devaneios de regresso ao ninho. A infância, os lugares os quais se tornam lugares de afetos durante nossa vivência infantil, são núcleos de imagens que se condensam em torno da imagem casa-ninho, porque a casa-ninho, conforme escreveu Bachelard:

A casa ninho nunca é nova. Poderíamos dizer, de um modo pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Nas imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de fidelidade. (2003, p.111).

⁵ In: Freitas. O imaginário dos escritores açorianos. P.185

Os açorianos através da imaginação literária sonham a casa, meditam o conhecido, buscam no fundo dos devaneios possibilidades que o passado não soube utilizar. O espaço na imaginação poética é um motor de imagens. O mar, os vulcões, as brumas, os ventos, o solo, os picos, tudo isso vive e fala sinceramente ao sonhador, tudo é animado para animar o próprio ser, por isso a presença de um rico imaginário poético das substâncias: elas estão ali, em devires de formas tão reais quanto imaginárias, e são elas que psicologizam e nomeiam a substância sentimental do açoriano. Dão impulsos à imaginação num dos devaneios mais próprios do fundo humano: o devaneio que enlaça o humano à sua terra de origem, o devaneio de volta ao ninho.

Se o signo da volta marca infinitos devaneios, estar longe da Ilha é garantir a ela o regresso, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Daí a recorrência a núcleos temáticos em que o espaço é fundamental. As Ilhas são espaços fundamentais para os quais convergem devaneios de volta ao ninho. Devaneios que são movimentadas por esse psiquismo originado de situações físico-histórico-culturais específicas do ser açoriano e que acabaram por fundamentar este imaginário, no qual o isolamento, a emigração, a partida, a volta são situações arquetípicas que ensejam o constante narrar e, a água, a terra, o mar e o fogo, substâncias que, através de suas qualidades, guardam os espaços de afeto.

Em *Sorriso por dentro da noite*, de Adelaide Freitas⁶, publicado em 2004, ainda que a exclusão e o isolamento que embalou os açorianos desde a ocupação do arquipélago não sejam mais circunstâncias tão opressoras, o imaginário literário continua a solicitar o devaneio em torno das partidas, do sentir-se só, das ausências imperiosas que tanto na Ilha quanto fora dela os oprime. *Sorriso por dentro da noite*

⁶ FREITAS, Adelaide. *Sorriso por dentro da noite*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.

seguirá também essa solicitação, no entanto, Adelaide Freitas vai centrar seus devaneios naqueles que na Ilha permanecem, deslocando a perspectiva do imaginário. As personagens mais significativas do romance, Xana e a avó materna, que são os núcleos das imagens mais simbólicas, ou seja, aquelas que concentram sentidos no romance, permanecerão nas Ilhas, enquanto todo o resto da família parte para a América.

A autora retoma, assim, um tema que requisita sem cessar a expressão literária: o amor materno, a imagem da mãe. Na literatura açoriana imagens em que mãe e Ilha estão sobrepostas são freqüentes, mas a autora operará uma inversão: mãe e Ilha são imagens que ao final da narrativa acabam por se opor. Há uma inversão de qualidades: as qualidades maternas pertencem à Ilha enquanto que a mãe não é maternal. As qualidades maternais que Xana aprendeu na vivência da intimidade do espaço ilhéu não as encontra na mãe.

Reencontrar-se-á na obra esses dinamismos da matéria que imprimiram no imaginário açoriano um mundo próprio de correspondências poéticas. Centros de devaneios bem definidos em torno do espaço e de suas contingências dinâmicas. Se as Ilhas eram, como diz Assis Brasil, um mundo sem cores, destinado a sucumbir na ignorância e na repetição daquilo que já os avós repetiam desde todas as eras, todos os tempos, no imaginário da autora, ao contrário, as Ilhas são um mundo de cores. A estética da repetição se era motivo de angustia e enfado, agora é um ritmo o qual se reaprende a viver. Se houve um momento em que fora preciso romper com aquilo que os avós repetiam desde todas as eras, e esse rompimento aconteceu na época dos grandes fluxos migratórios, a avó, agora, reinveste-se da missão de ensinar a viver novamente no ritmo para não ser mais necessário partir. Sem romper com o imaginário coletivo, mas reaproveitando-o a partir de uma perspectiva própria, Adelaide Freitas instaura uma nova dinâmica na imaginação do espaço açoriano. Num paralelo com as forças que Bachelard descreve sobre nas

obras “A terra e os devaneios da vontade e A terra e os devaneios do repouso” (extroversão e introversão) *Sorriso por dentro da noite* operará com as imagens de introversão, da intimidade e do repouso, da permanência, enquanto que a grande maioria das narrativas de açorianos, apresenta-nos imagens de extroversão, das forças que os impulsionavam para a partida.

*Sobre um mar de hortênsias nos deitamos*⁷ é uma narrativa que começa em primeira pessoa a partir das memórias do passado da narradora. Ela se nos apresenta, diz chamar-se Miriam, situa-nos em sua origem: nascera em Portalegre no início da década de cinquenta, mas seus bisavós vieram da Ilha do Faial. Miriam nos conta de sua infância, uma infância feliz, repleta de lembranças agradáveis como os natais em família, as férias passadas na companhia dos avós e dos tios, as viagens constantes com os pais por diversos países, as memórias da guerra que não a afetou, a sua escolha por um curso na universidade, o relacionamento com amigos e primas, enfim, num rememorando de sua infância e juventude, a primeira parte do livro transcorre.

A segunda parte do livro vem marcada com o ano de 1975, ano em que a personagem vai para uma pós-graduação na Filadélfia. Descreve suas experiências neste novo espaço, as amizades, o seu dia-a-dia na universidade, os encontros com colegas. Tudo transcorre normal até o dia em que passa mal e é levada pela companheira Pauline a um médico. A atração foi imediata e desde o primeiro instante soube que a cordialidade iria se aprofundar. E assim foi. O médico era John, um inglês. O envolvimento entre os dois é profundo e amoroso. Passam a viver juntos e as memórias deste convívio preenchem esta segunda parte do livro até 1986, ano em que um novo capítulo começa com a morte de John em um acidente aéreo. Miriam entra em profunda tristeza e vive onze anos da sua vida

⁷ PISSARRA, Fátima. *Sobre um mar de hortênsias nos deitamos*. Mirandela: João Azevedo editor, 2005.

dilacerada, até o dia em que, por sugestão de uma copeira do laboratório onde trabalhava, vai visitar os Açores, mais precisamente o Faial. A copeira era açoriana e de lá saíra quando da erupção do vulcão dos Capelinhos, em 1957. Miriam vai aos Açores e, magicamente, lá descobre o “seu lar” e a paz. Ao chegar, se aproxima e se encanta de um casarão abandonado. Decide tentar comprá-lo. Alguma coisa lhe dizia que só naquele lugar poderia viver, só ali restabeleceria a sua vida. A casa estava abandonada há muitos anos, rondava-lhe uma tragédia que afastava sempre os moradores e os possíveis compradores. Miriam não arrefece. Compra e reforma a casa. As memórias e as histórias começam a voltar: a personagem passa a tentar saber sobre a sua antepassada açoriana, que também se chamava Miriam e sobre a história trágica que envolvia o seu casarão. E eis que não poderia ser diferente: a casa era de Miriam, a bisavó. A tragédia: o amor de Miriam por um inglês, Peter. Foi então que lembrou de seu John: ele lhe falara de um antepassado que vivera nos Açores.

Era Peter. Miriam e Peter viviam um amor clandestino no casarão. Miriam engravida e a família dela arma uma emboscada para o inglês, matam-no e o atiram no mar. Coincidentemente, o mesmo mar em que o avião que John estava caía.

A Miriam atual e o seu John morto são, então, a volta daqueles amantes que no passado foram separados e, tal como o primeiro casal, vivem a mesma sina de separação. Os Açores se configura num espaço no qual a historicidade é abolida e é possível o retorno. Passado e presente estão frente a frente. Só ali é possível a quebra da sina temporal: a narrativa termina com Miriam rogando para morrer e ser sepultada ali, no mesmo mar que por duas vezes levava o seu amor, como numa promessa de quebra da sina, para que numa outra vida possam voltar a viver felizes.

Senhora dos Açores, de Romana Petri⁸, conta a história de uma mulher italiana que vai passar um tempo na Ilha e lá passa a conviver com as pessoas do local. Dividida em capítulos que ganham o nome de personagens, a narrativa, através do olhar da narradora em primeira pessoa, se desenvolve na observação das gentes e dos costumes locais. Nos relatos açorianos sempre há um divisor nas vidas: o tempo que se passou na América. Todas as personagens têm seu tempo cortado pelo o que permaneceram do outro lado do atlântico. As identidades se diluem e o passado se reencontra com o futuro, frente a frente, abolindo a temporalidade. No espaço açoriano a historicidade não transcorre, tudo é feito da mesma forma, todos os dias, por anos e anos. Fantasmas aparecem com frequência e convivem junto com os vivos na mais perfeita naturalidade. Nunca se sabe bem se se está a falar com um morto ou com um vivo. Nem os hábitos os diferenciam, pois como o tempo não transcorre, as coisas não mudam neste espaço sobrenatural e onírico.

Em *Saudade*, de Katherine Vaz, os Açores são terras onde as fronteiras entre o lógico e o *non sense* são quebradas. É a história de Clara, uma menina que emigra com os pais para a América e logo fica órfão sob a tutela de um padre. Encontramos elementos recorrentes na ficção açoriana: a emigração, o abuso do poder clerical. A menina sofre vários tipos de abusos por parte do padre, inclusive sexual. Chega mesmo a engravidar e, quando o filho nasce, nasce sem o tórax, com o coração exposto, todo o seu sangue, o esforço para bater. A criança não vive muitos dias. No momento da morte o coração torna-se uma pomba e sai a voar, a criança então desfalece. Clara volta aos Açores. A pomba do filho é sinal da pomba das festas do espírito santo tão cultuada nos Açores. A volta da personagem simboliza a volta para o coração de seu filho, a possibilidade dele continuar existindo. E vai ser nos Açores que ela reencontrará a paz e o amor. O espaço

⁸ PETRI, Romana. *A senhora dos Açores*. Lisboa: Cavalo de ferro, 2003.

açoriano é mais uma vez a terra de redenção, tal como para a personagem de Fátima Pissarra. Pode-se mesmo sentir ressoar a imagem de paraíso. O lugar de reencontro da paz.

Esse grupo de narrativas se nos apresenta de forma muito especial: as autoras, todas elas, são descendentes de açorianos, mas não são açorianas. São filhas da diáspora. Açores é um espaço imaginário que se lhes chegou através da memória dos antepassados. Fica-se imaginando o quanto estas autoras ouviram destas terras, antes mesmo de conhecê-las e sobre elas escreverem, pela narrativa, provavelmente oral, de seus pais ou avós. Relatos de tempos “heróicos”, simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo (os imigrantes), amplificados pela imaginação e idealizados pela saudade de um estado “primordial” para sempre perdido. As narrativas produzidas pelas autoras são, na terminologia de Bachelard, devaneios de introversão, pois ficcionalizam o espaço açoriano a partir das imagens de intimidade, repouso, introversão e permanência. Muito nítida está também nelas a imagem de Ofélia. As personagens voltam para as Ilhas para morrer na paz das de suas águas. A ficcionalização é agora, absolutamente, um movimento que vai **da imaginação ao espaço**. Ela está enformada por um imaginário coletivo de emigração e saudade.